



A rede construcional [[para lá de] [X]] no português do século XXI

The Constructional Network [[para lá de] [X]] in 21st Century Portuguese

Mariangela Rios de Oliveira

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro / Brasil

mariangelariosdeoliveira@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

Vanessa Barbosa de Paula

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

vanessabdep@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6859-5328>

Resumo: Este artigo levanta, descreve e analisa, em termos formais e funcionais, instâncias dos subesquemas que integram a rede construcional [[para lá de] [X]] no português contemporâneo do Brasil (PB) e de Portugal (PE), mais especificamente do século XXI. Destaca-se a gradiência e os níveis de intersubjetividade distintos que marcam a referida rede. Com base em fundamentos teóricos funcionalistas vinculados à abordagem construcional da gramática, a partir de Traugott e Trousdale (2013), Hilper (2014) e Diessel (2017; 2019), entre outros, a pesquisa, em análise qualiquantitativa, conforme Cunha Lacerda (2016), concentra-se em dados coletados no *Corpus do Português/Web Dialectos*. Constata-se que, no português do século XXI: a) [[para lá de] [X]] se distribui em diferentes pareamentos de forma e sentido, formando uma rede de construções interconectadas vertical e horizontalmente com base em subesquemas forjados por meio de processos graduais de mudança linguística; b) esse esquema maior distribui-se em quatro subesquemas, e três destes, por sua vez, também são passíveis de subcategorização; c) tal rede construcional apresenta produtividade relativa na língua e demonstra que a gradiência exibida na sincronia atual está associada a contextos de emergência da construção de grau intensivo [[para lá de] [X]], bem como a mudanças que ocorrem pós-construcionalização, incrementando a rede de construções da língua.

Palavras-chave: Rede construcional [[para lá de] [X]]; Funcionalismo; construção gramatical; mudança linguística.

Abstract: This article raises, describes and analyses, in formal and functional terms, instances of the subschemas that make up the constructional network [[para lá de] [X]] in contemporary Portuguese from Brazil (PB) and Portugal (PE), more specifically from XXI century. The gradient and the distinct levels of intersubjectivity that mark this network are highlighted. Based on functionalist theoretical foundations linked to the constructional approach to grammar, from Traugott and Trousdale (2013), Hilper (2014) and Diessel (2017; 2019), among others, the research, in qualitative analysis, according to Cunha Lacerda (2016), focuses on data collected in the Corpus do Português/Web Dialects. It appears that, in 21st century Portuguese: a) [[para lá de] [X]] is distributed in different pairings of form and meaning, forming a network of vertically and horizontally interconnected constructions based on subschemas forged through gradual processes of language change; b) this larger scheme is distributed into four subschemas, and three of these, in turn, are also subject to subcategorization; c) such constructional network presents relative productivity in the language and demonstrates that the gradient displayed in the current synchrony is associated with contexts of emergence of intensive degree construction [[para lá de] [X]], as well as changes that occur after constructionalization, increasing the network of language constructions.

Keywords: Constructional network [[para lá de] [X]]; Functionalism; grammatical construction; linguistic change.

Recebido em 22 de agosto de 2021

Aceito em 12 de outubro de 2021

1 Introdução

Neste artigo, nos dedicamos, com base em dados da língua em uso, a levantar, descrever e analisar, em termos formais e funcionais, instâncias dos subesquemas que integram a rede construcional¹ [[para lá de] [X]] no português contemporâneo do Brasil (PB) e de Portugal (PE), mais especificamente do século XXI.

¹ De acordo com Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), entre outros, a língua é entendida como uma rede, um conjunto organizado, em termos hierárquicos e relacionais, de pares de forma e conteúdo. Assim, nosso objeto de pesquisa - [[para lá de] [X]] - é interpretado como um pareamento específico integrante da rede linguística do português, que se desmembra e especifica em subtipos.

Nosso objetivo é detectar as relações verticais e horizontais em que esse esquema maior se distribui no *constructicon*² do português, ou seja, na ampla e interconectada rede de construções que envolve todos os pareamentos de forma e sentido da língua. Para tanto, trabalhamos a partir dos resultados de Paula (2021) e Oliveira e Paula (2019; 2021), refinando seus achados.

Estamos nos referindo a usos como os seguintes, que instanciam o esquema mais alto e virtual [[para lá de] [X]]:

- (1) *Os patrícios terão prometido melhorar a situação dos devedores, porém, após a expulsão do inimigo do território romano, “esquecem “ os compromissos. Como resposta, os soldados plebeus retiram- se para o Monte Sacro, **para lá do Aniene**, a cerca de 5 km de Roma (Pisão, citado por Lívio (II, 32), diz que se retiraram para o Aventino). Ali acampam e permanecem alguns dias. Iniciam- se conversações e os patrícios são obrigados a fazer algumas concessões.* (CdP/Web Dialectos, Brasil, <http://www.azpmedia.com/espacohistoria/index.php/parte-i-roma-antiga-ate-a-primeira-guerra-punica-/capitulo-viii>)

- (2) *A promessa do Dr. Seara deixou- me até com aquele o ar daquele menino com a lágrima ao canto do olho que está naquele quadro muito conhecido e também lindíssimo que se vende em todas feiras. A história é simples e vai já **para lá dos quatro anos**, um médico psiquiatra violou comprovadamente uma doente a quem tratava devido a um quadro depressivo e estava grávida. Em tribunal de primeira instância os comportamentos são dados como provados e o cidadão condenado.* (CdP/Web Dialectos, Portugal, <http://atentainquietude.blogspot.com/>)

- (3) *Eu não vivo sozinha neste Planeta!!! AH já me ia esquecendo de dizer que a minha decisão de ser FAT apenas teve uma condição, é que derivado a viver em um apartamento, apenas posso acolher gatos e não cães, com muita pena minha, pois sei que existem **pra lá de mil cães** a precisarem de um lar...Sei que estou a ajudar, mesmo só acolhendo gatos (gatas e gatinhos) ... e Vocês já pensaram nisso* (CdP/Web Dialectos, Portugal, <http://louzanimales.blogspot.com>)

² Termo técnico utilizado na abordagem construcional para a referência ao conjunto de construções da língua, incluindo pareamentos tanto lexicais quanto gramaticais, como se encontra em Hilpert (2014).

- (4) *Shame on me, shame on me, que prometi um post sobre a minha experiência com este método de lavar e tratar do cabelo e nunca mais. Olha, ainda bem que gostaste de a Dr. Organic. Tenho- te a dizer que aos poucos começo a comprar outros produtos da marca e estou **pra lá de satisfeita**. Comecei pelo champô e amaciador, como já te tinha contado, agora vou no sabonete para o rosto (mete todos os produtos de limpeza de rosto e desmaquilhantes no bolso) e a seguir vão ser os cremes de rosto, que custam tanto como os da Nivea do supermercado e são bem melhores. (CdP/ Web Dialectos, Portugal, <http://ideiasdebaixodotelhado.blogspot.com/2012/10/cabelo-tratado-e-perfumado.html>)*
- (5) *Foi super espectacular, é o que tenho a dizer.. E acreditem que deve haver (muito) poucas pessoas menos festivaleiras do que eu por este Portugal fora... não sou fã... Muito pó, muita gente... boa música, é certo... mas nem todas as bandas me arrastam assim para esses recintos empoeirados e com filas intermináveis para ir a uma casa de banho miserável e em estado **pra lá de Bagdad**... Começo a pensar que perdi muita coisa nos últimos festivais Sudoeste (principalmente quando se passa férias por essas bandas e com bilhetes à borla...), querem ver que ainda lá vou parar este ano?? (CdP/Web Dialectos, Portugal, <http://styleitup.com/12519.html>)*
- (6) *Na passagem de mais um por estes lados muitas foram as mensagens de apoio e de felicitações e também os presentes. Ofertas sentidas que revelam amizade ou sentimentos mais profundos. Dentre elas constou esta edição especial do concerto comemorativo dos 25 anos de Xutos & Pontapés “on the road “, no Pavilhão Atlântico. **Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira**, tem, para mim, um sabor especial por conter temas dos primórdios da sua carreira. Temos que ouvi repetidas vezes durante os anos 80, ou no saudoso “Rock Rendez Vous “ ou em os espectáculos que religiosamente, eu e o “F “ presenciávamos onde quer que houvesse Xutos. (CdP/Web Dialectos, Portugal, <http://arlindopinto.com/planetadoscatos/tag/aniversario>)*

Os dados de (1) a (6) ilustram instâncias de uso de subfamílias³ da rede construcional maior [[para lá de] [X]] no português do século XXI, tanto no PB quanto no PE. Trata-se de um esquema altamente virtual formado por duas subpartes contíguas: [para lá de] e [X]. De acordo com a abordagem construcional, um esquema é mais virtual na medida em que suas subpartes são *slots* (como X), ou seja, são lugares abertos a serem preenchidos por elementos que formam *types* mais específicos. Assim, [[para lá de] [X]] é assumido como o esquema maior, que se distribui em subesquemas, ou subfamílias, e estes, por sua vez, se individualizam em microconstruções. A primeira subparte pode ser instanciada de modo reduzido, no formato [p(a)ra lá de], notadamente na modalidade falada ou em contextos mais informais e menos monitorados; já a subparte [X] se configura como uma posição aberta, ou *slot*, com preenchimento variado na língua, o que enseja a convencionalização de diversos subesquemas e *types* específicos⁴.

Assim posto, em (1) e (2), [para lá do Aniene] e [para lá dos quatro anos] atuam, respectivamente, em prol da circunstanciação adverbial locativa e da temporal. Já, em (3), [pra lá de mil cães] assume papel quantificador, articulando efeito de sentido mais abstrato. Tal abstração é incrementada em (4), por intermédio de [pra lá de satisfeita], em que a posição X é preenchida por adjetivo, o que concorre para função de grau intensivo deste uso. O dado (5), por sua vez, promove a intensificação através de um termo locativo concernente a uma cidade exótica e distante⁵, como Bagdad, na referência ao estado deplorável de uma casa de banho (banheiro, no PB). Por fim, em (6), [Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira] atua em prol da conexão argumentativa, ao sequenciar dois argumentos a favor da relevância da carreira de um grupo musical: *ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira* bem como *conter temas dos primórdios da sua carreira*. Como podemos observar, [[para lá de] [X]], no *constructicon* do português, constitui-se em um esquema de relativa

³ Trata-se de subconjuntos da rede construcional [[para lá de] [X]], como subgrupos distribuídos pelo tipo de preenchimento de X e de sua subfunção, como ilustrado de (1) a (6).

⁴ Como detalhamos na seção seguinte, subesquema é um subgrupo do esquema maior, marcado por traço particular, em termos de formato e conteúdo; *type* específico é a construção totalmente preenchida, a microconstrução, em nível mais baixo na rede hierárquica.

⁵ Esse ponto será tratado mais detalhadamente na seção 7 do presente artigo.

produtividade, uma vez que é distribuído mais especificamente em subesquemas, que, como pares de forma e conteúdo distintos, assumem papéis funcionais também distintos na língua.

Nossa investigação está fundamentada teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (FLCU), numa referência ao Funcionalismo de vertente norte-americana que, mais recentemente, passa a incorporar a pesquisa da construção gramatical, de viés cognitivista, na linha de Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014), Diessel (2017; 2019), Bybee (2010; 2015), entre outros. No Brasil, a LFCU tem como referencial teórico fontes como Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016) e Oliveira e Cezario (2017). Nessa perspectiva, reafirmando a primazia do uso linguístico como ponto de partida e de chegada de nossas análises, de acordo com Rosário e Oliveira (2021), passamos a considerar que contextos de uso instanciam construções, tomadas como pareamentos convencionalizados de forma e conteúdo⁶, nos termos de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Assim, assumimos aqui que, em dados do português do século XXI, são instanciados distintos subesquemas derivados do esquema mais alto e virtual [[para lá de] [X]], tal como ilustramos nos fragmentos de (1) a (6), o que confere à língua a marca da *gradiência*⁷, nos termos de Bybee (2010).

Trabalhamos com base em metodologia qualitativa e quantitativa, conforme Cunha Lacerda (2016), em consonância com as pesquisas que vêm sendo praticadas no âmbito da LFCU. De acordo com Bybee (2003; 2007), fazemos análises interpretativas dos contextos em que se instanciam as construções por nós trabalhadas, levando em conta ainda sua produtividade (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), tanto de padrão esquemático (frequência *type*) quanto de ocorrência de uso (frequência *token*). Para tanto, usamos como base de dados o *Corpus do Português/Web Dialectos*⁸, referente às variedades do PB e do PE, em que registramos 3.280 instâncias de *types* específicos que instanciam os subesquemas da [[para lá de] [X]].

⁶ Como Rosa (2019), neste artigo o eixo funcional da construção recebe o rótulo *conteúdo*, no lugar de *sentido*, *significado* ou *função*.

⁷ De acordo com a autora, *gradiência* diz respeito ao perfil adaptativo da língua, à convivência, numa dada sincronia, de usos mais antigos e mais recentes, demonstrando que a mudança é algo constitutivo da estrutura linguística.

⁸ Disponível via link https://www.corpusdoportugues.org/size_p.asp

Partimos das seguintes hipóteses: a) a convencionalização do esquema [[para lá de] [X]], inicialmente recrutado para indicação circunstancial locativa [para lá do Aniene], motiva historicamente sua expansão construcional, na articulação de noções mais abstratas, como as de tempo [para lá dos quatro anos], de quantidade [pra lá de mil cães], de intensificação [pra lá de satisfeita] e até de conexão textual (*Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira, tem, para mim, um sabor especial por conter temas dos primórdios da sua carreira*); b) tal expansão ocorre gradualmente via micropassos contextuais, conforme assumem Diewald e Smirnova (2012) e Rosa (2019), por intermédio de neoanálises⁹ sucessivas, a partir de metonimização, metaforização e analogização¹⁰; c) essa expansão, em termos sincrônicos, é responsável pela gradiência exibida na rede construcional [[para lá de] [X]] no português contemporâneo, em que convivem instâncias de uso de distintas idades na língua¹¹ e de distintos níveis de (inter)subjetividade, como referido em Tantucci (2018); d) a expansão *host-class*¹², nos termos de Hilmelmann (2004), incrementa a rede construcional [[para lá de] [X]], na formação de novos subesquemas e de *types* específicos.

Para dar conta de nossos propósitos e testarmos as hipóteses de pesquisa apresentadas, organizamos este artigo em cinco seções. Na primeira, trazemos os fundamentos da LFCU, base teórica que orienta a pesquisa. A seguir, nos dedicamos à apresentação do *corpus* trabalhado e à exposição dos procedimentos metodológicos adotados. A terceira seção se volta para os contextos iniciais, de sentido mais lexical e circunstancial,

⁹ Como Traugott e Trousdale (2013, p.36), inspirados em Andersen (2001), usamos neste artigo *neoanálise* no lugar de *reanálise*, com base no entendimento de que não se pode analisar novamente uma estrutura recém-construída, que ainda não dispunha, até então, de análise anterior. Assim, toda mudança linguística é, de fato, uma nova e inaugural interpretação.

¹⁰ Como Traugott e Trousdale (2013), adotamos esses termos por conta de sua análise como mecanismos de mudança, algo passível de ser captado e analisado de forma mais explícita.

¹¹ Embora os dados analisados neste artigo sejam sincrônicos, pesquisas por nós desenvolvidas, como a de Paula (2021), em viés histórico, detectam os micropassos contextuais, nos termos de Diewald e Smirnova (2012), que conduziram a mudanças que levaram à configuração do esquema [[para lá de] [X]].

¹² Traduzida como *expansão de classe hospedeira*, essa ampliação se refere à possibilidade de novos preenchimentos de subpartes abertas (*slots*) em esquemas altamente virtuais, concorrendo para sua ampliação, tanto vertical quanto horizontal.

de instâncias de uso da [[para lá de] [X]], detectados a partir do século XIX, até contextos em que se convencionalizam usos intensificadores de grau no PB no século XX, o que ratifica serem tomados como fonte, como ponto inicial das mudanças construcionais que expandem o esquema pesquisado na contemporaneidade. A quarta seção se volta para a abordagem da rede [[para lá de] [X]] no português do século XXI, com foco na detecção de seus subesquemas e *types* específicos e na descrição e análise dessas instâncias de uso, com destaque para a gradiência e para os níveis de (inter)subjetividade distintos que marcam a rede. Nas considerações finais, tecemos comentários acerca dos mecanismos de mudança que forjaram a rede construcional [[para lá de] [X]], enfatizando sua gradiência sincrônica e sua produtividade na língua, em crescente nível de intersubjetividade.

2 Bases teóricas da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

Conforme Rosário e Oliveira (2016; 2021), a LFCU considera a língua um conjunto estruturado, hierarquizado e relacionado de construções, ou seja, de pares convencionais de forma e conteúdo, como definidos em Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Nessa perspectiva, assumimos que tais pares se ritualizam e fixam por força de pressões específicas, que podem se relacionar a processos cognitivos de domínio geral, nos termos de Bybee (2010)¹³, ou a frequência de uso em contextos específicos, de acordo com Diewald e Smirnova (2012). Em Traugott e Trousdale (2013, p. 8), a codificação da construção assume o formato [[Forma] <---> [Conteúdo]], em que a seta medial destaca a relação biunívoca de ambos os eixos e os colchetes externos sinalizam que o pareamento é uma unidade convencionalizada. Assim, assumimos que [[para lá de] [X]] é uma construção, uma unidade simbólica de forma e conteúdo.

Ainda de acordo com Traugott e Trousdale (2013), na trajetória dos usos linguísticos, há dois processos fundamentais que motivam novos pareamentos no *constructicon*. O primeiro deles é *construcionalização*, definida como a criação de uma inédita construção na língua, com formato e conteúdo novos. Os autores destacam que a construcionalização, em termos gradientes, pode ser mais lexical, quando se cria um pareamento de

¹³ Bybee (2010) faz referência a cinco desses processos, na seguinte ordem: categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal.

conteúdo mais concreto ou menos subjetivo, concernente, por exemplo, aos membros da classe dos substantivos, adjetivos e verbos, ou pode ainda ser mais procedural, na referência a pareamento articulador de conteúdo mais abstrato ou intersubjetivo, como no caso dos modalizadores e conectores. Tomando os contextos de uso ilustrados de (1) a (6), por exemplo, podemos classificar as construções individuais específicas [para lá do Aniene] e [para lá dos quatro anos] como mais lexicais, uma vez que concorrem para a expressão de circunstância locativa e temporal, respectivamente; por outro lado, pareamentos do tipo [pra lá de satisfeita], [pra lá de Bagdad] e [Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira] se classificam como procedurais, dado que promovem intensificação e conexão argumentativa, como destacado por Oliveira e Paula (2019; 2021) e Paula (2021).

O segundo processo fundamental referido por Traugott e Trousdale (2013) é a *mudança construcional*, tomada como um tipo de alteração que afeta somente um dos eixos da construção, o da forma ou o do conteúdo, não motivando, por isso mesmo, construcionalização. De outra parte, como destacam os autores, para que se dê a construcionalização, é preciso que mudanças construcionais tenham ocorrido anteriormente, como etapa pré-construcionalização. Uma vez convencionalizada a nova construção, outras mudanças construcionais podem vir a ocorrer, como etapas pós-construcionalização. Conforme os autores, essas mudanças podem ter a ver com erosão de forma, com obsolescência de uso e com expansão na rede, via preenchimento de subpartes vazias com novos elementos. Mudanças pré e pós-construcionalização são consideradas como alterações distintas, correspondentes a estágios também distintos na trajetória das construções da língua e que destacam o viés processual dessa concepção.

Com base na classificação das dimensões construcionais proposta por Traugott e Trousdale (2013) e ilustrada para o português por Rosário e Oliveira (2016), podemos considerar [[para lá de] [X]] como um esquema: a) complexo, porque formado por quatro subpartes, sendo uma aberta (X); b) parcialmente esquemático, dado que apresenta três subpartes fixas; c) no *continuum* entre lexical e procedural, a depender do preenchimento do *slot* X, como apresentamos a partir dos contextos de (1) a (6).

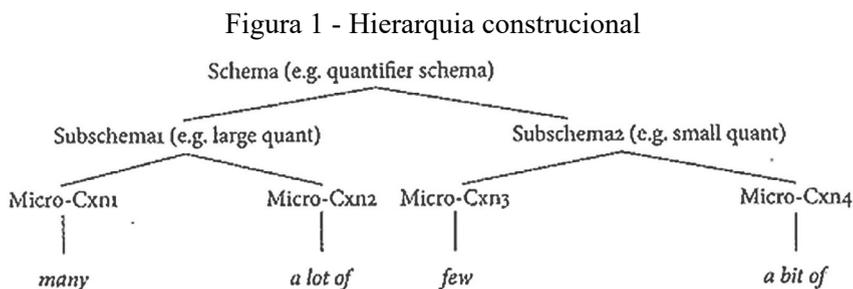
A natureza escalar de conceptualização construcional, que diz respeito à distinção entre conteúdo lexical e procedural assumida pela LFCU, faz referência também ao nível de (inter)subjetividade expresso por tais pareamentos. Assim, de acordo com Traugott e Dasher (2002),

há tendência de que construções lexicais exibam menor subjetividade, dado que seu conteúdo é mais recortado, definido ou concreto. De outra parte, construções procedurais tendem a veicular maior subjetividade, na expressão de sentidos mais abstratos, concernentes a pontos de vista do locutor, seus anseios e desejos, entre outros, chegando à manifestação intersubjetiva, quando atingem o interlocutor, no convite a que este partilhe pontos de vista e opiniões perspectivizadas pelo locutor.

Mais recentemente, Tantucci (2018) propõe o refinamento do conceito de intersubjetividade, que passa a ser considerado na base da distinção entre: a) significados que são objetivamente selecionados, levando em consideração as reações potenciais do ouvinte ao que é dito; b) significados que incluem uma terceira pessoa mais ou menos genérica, que funciona conceptualmente como portador social do enunciado. Os primeiros significados são definidos como imediatamente intersubjetivos, precedendo historicamente os segundos na trajetória da mudança linguística. Dessa concepção, adotamos a consideração da intersubjetividade como gradiente, partindo de pressões mais efetivas e objetivas do locutor sobre o interlocutor e chegando à intersubjetividade estendida. Assim, os contextos de uso ilustrados de (1) a (6), na parte introdutória deste artigo, correspondem, em termos gerais, a essa distinção, de modo que o arranjo *para lá de*, que envolve as três primeiras subpartes do esquema [[para lá de] [X]], articulam distintamente a *atenção conjunta*, nos termos de Diessel (2017; 2019). De acordo com esse autor, a atenção conjunta é uma forma de cognição social, por intermédio da qual interlocutores concentram sua atenção numa experiência comum, que pode se referir a um objeto ou evento; no caso de *para lá de*, corresponde a um ponto genérico e inespecífico distanciado de ambos. Nesse sentido, a depender do preenchimento do *slot* X, o tipo de distanciamento expresso por [[para lá de] [X]] pode ser tomado como mais ou menos intersubjetivo. Considerando Tantucci (2018) e Diessel (2017; 2019), podemos dizer que, em (1) e (2), o foco compartilhado é imediatamente intersubjetivo, nos pareamentos [para lá do Aniene] e [para lá dos quatro anos], e que esse foco vai gradativamente se tornando mais estendido em (3), (4), (5) e (6), respectivamente. Assim, a partir de [pra lá de mil cães], [prá lá de satisfeita], [pra lá de Bagdad] e [Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira], o distanciamento espacial e temporal se estende a conteúdos voltados para a intensificação de quantidade, em (3), de grau, em (4) e (5), e

para a conexão argumentativa, em (6). De acordo com Tantucci (2018), esses últimos usos articulam a intersubjetividade estendida, ou seja, a habilidade sociocognitiva de problematizar, num contexto específico, como uma pessoa agiria, sentiria ou pensaria.

O viés gradiente e escalar com que a LFCU descreve e analisa as construções também está presente na proposta de três fatores referidos por Traugott e Trousdale (2013). O primeiro deles é a esquematicidade, concernente à propriedade de categorização que envolve abstração e virtualidade. Na figura a seguir, trazemos a proposta dos autores, com base na hierarquia do esquema de quantificadores do inglês¹⁴:



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17)

Como podemos observar na Figura 1, a rede de quantificadores do inglês tem no nível superior o esquema, ou seja, o pareamento mais aberto e abstrato, que é distribuído em dois subesquemas, como subfamílias mais específicas. Esses, por sua vez, encontram-se divididos em *types* totalmente preenchidos no nível mais abaixo, como as microconstruções individuais [many], [a lot of], [few] e [a bit of].

Ao submetermos nossos objetos de análise ao fator esquematicidade, podemos dizer que [[para lá de] [X]] ocupa o nível mais alto e virtual, como esquema maior, que, no plano imediatamente inferior, no subesquema, se distribui em famílias de forma e conteúdo mais específicos, por conta do preenchimento do *slot* X, como

¹⁴ Ressalvamos que essa figura tem recebido críticas, inclusive nossas, uma vez que, numa perspectiva construcional, que vincula estritamente forma e conteúdo, não seria possível considerar, por exemplo, *many* e *a bit of* como pertencentes a um mesmo esquema. No máximo, poderíamos dizer que se trata de membros de um mesmo paradigma, como uma hiperconstrução, com base em Diewald (2020).

instanciadas nos fragmentos de (1) a (6) ilustrados anteriormente. Cada subesquema, por sua vez, se especifica em microconstruções, que, como *types* individuais, são instanciados no uso, sob forma de construtos¹⁵. O refinamento e a proposição da rede [[para lá de] [X]] é realizado na quarta seção do presente artigo.

O segundo fator construcional referido por Traugott e Trousdale (2013) é a produtividade, que diz respeito à frequência e à extensibilidade com que um padrão é utilizado ou expandido, respectivamente. De acordo com Rosário e Oliveira (2016, p. 245), “a distinção entre frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*) é recuperada e associada respectivamente a frequência de construção e frequência de constructo.” Se a produtividade é relevante para a fixação de padrões de uso e sua convencionalização, como etapa de mudança pré-construcionalização, esse fator é igualmente fundamental na fase de mudança pós-construcionalização, por conta da expansão *host-class*, como destacado por Himmelmann (2004). De acordo com esse autor, uma vez fixado um esquema maior, com posições abertas sob forma de *slots*, tais posições podem ser preenchidas por elementos compatíveis (*match*) ou mesmo inicialmente incompatíveis (*mismatch*).

A composicionalidade é o terceiro fator mencionado por Traugott e Trousdale (2013) e se refere ao grau de transparência entre a forma e o conteúdo construcional. Esse fator destaca a correspondência simbólica que vincula as propriedades de ambos os eixos de uma construção. Via de regra, como apontam os autores, construções lexicais tendem a exibir maior grau de composicionalidade, articulando sentidos menos subjetivos, mais concretos e referenciais, uma vez que as subpartes preservam mais os traços das categorias de que são fonte. Tal é o que constatamos em [para lá do Aniene] e [para lá dos quatro anos], em que é possível detectarmos com mais visibilidade a natureza preposicional e circunstancial dos elementos que integram tais microconstruções. Por outro lado, construções procedurais, cumpridoras de conteúdos mais gramaticais e intersubjetivos, exibem menor composicionalidade, com subpartes mais vinculadas simbolicamente, como é o caso de [pra lá de mil cães], [prá lá de satisfeita], [pra lá de Bagdad] e [Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira]. Nesses *types*, as três primeiras subpartes se vinculam a uma quarta parte que não se refere a um espaço locativo ou temporal; com esse novo tipo de pareamento, são convencionalizados conteúdos correspondentes à quantidade, à

¹⁵ Na abordagem construcional, o termo *construto* é usado na referência à instância efetiva de uso, ao *token* empiricamente registrado.

intensidade de grau e à conexão argumentativa, respectivamente, num tipo de expansão *host-class* por *mismatch* (HIMMELMANN, 2004), licenciando o preenchimento do *slot X* a elementos estranhos à categoria dos circunstanciadores locativos e temporais prototípicos.

Do arcabouço teórico da LFCU que nos serve de base para a descrição e a análise da rede construcional aqui empreendida, destacam-se os chamados *processos cognitivos de domínio geral*, como apresentados por Bybee (2010). Conforme a autora, tais processos atuam em conjunto e impactam a totalidade do comportamento humano, incluindo-se aí os usos linguísticos. Dos cinco processos elencados por Bybee (2010), três nos interessam mais especificamente na pesquisa da rede construcional [[para lá de] [X]]. O primeiro deles é categorização, que corresponde à tendência de agruparmos, por similaridade ou feixe de traços, elementos em conjuntos específicos; na pesquisa linguística, via categorização distribuímos, em classes ou paradigmas, membros de distintos níveis gramaticais, identificando-os como pertencentes a determinado grupo. O segundo processo cognitivo que nos interessa é *chunking* (ou agrupamento), na referência à junção e à combinação de unidades que, usadas repetida e frequentemente, formam sequências mais amplas ou complexas; o *chunking* é fundamental na pesquisa da construção gramatical, dado que o conceito de pareamento, calcado na vinculação convencional de forma e conteúdo, tem viés gestáltico, concebido como resultante da rotinização das formas de dizer. O terceiro processo referido em Bybee (2010) é a analogia¹⁶, segundo o qual criamos novos padrões a partir de outros já formatados; em termos construcionais, dizemos que a analogia é responsável pela expansão *host-class*, via mudanças pós-construcionalização que ampliam subesquemas e microconstruções, que podem incluir preenchimentos via *match* ou *mismatch*, levando, inclusive, à convencionalização de novo esquema geral no *constructicon*.

Para o tratamento das propriedades contextuais motivadoras da instanciação das microconstruções da rede [[para lá de] [X]], adotamos a proposta taxonômica de Diewald e Smirnova (2012), reelaborada em Rosa (2019). De acordo com as autoras, os micropassos da mudança construcional, principalmente a de tipo procedural, ocorrem sob condições contextuais também gradientes. No quadro a seguir, apresentamos a classificação referida:

¹⁶ Traugott e Trousdale (2013) tratam da analogização, tomado como um dos mecanismos mais fundamentais para mudança construcional e construcionalização, como um tipo específico de neoanálise.

Quadro 1 - Tipos de contextos em construcionalização gramatical

Estágio	Contexto	Características	Tipos de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	Contexto atípico	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Expressões idiomáticas extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contexto isolado	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Expressões idiomáticas formal ou lexicalmente abertas
IV- Integração paradigmática	Contexto paradigmático	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Rosa (2019, p. 64), adaptado de Diewald e Smirnova (2012)

Como podemos observar com base no Quadro 1, na coluna à esquerda, cada estágio corresponde a um tipo de contexto, que, por sua vez, apresenta características específicas, atinentes a tipos construcionais também específicos. A mudança se inicia a partir de contextos atípicos, aqueles que passam a envolver ambiguidade semântico-pragmática e inferências conceituais; nessa fase, trata-se de mudanças construcionais que envolvem somente o componente do conteúdo, com preservação da composicionalidade dos itens envolvidos. No estágio crítico, a opacidade de conteúdo se soma à opacidade de estrutura, envolvendo mudanças construcionais em escala mais avançada e diminuição de composicionalidade. A seguir, temos o contexto isolado, etapa em que se consolida a construcionalização, com a criação de um *chunking*, um novo par de forma e conteúdo no *constructicon*. Por fim, a nova construção passa a integrar um paradigma da língua, como um novo membro categorial que partilha correspondências e, de outra parte, apresenta distinções com os membros da nova categoria de que faz parte.

Na terceira seção deste artigo, o Quadro 1 será retomado, na referência aos contextos iniciais de instanciação da [[para lá de] [X]]. Conforme preconiza a LFCU, as etapas de mudança construcional não desaparecem necessariamente quando se efetiva a construcionalização; pelo contrário, via de regra, passam a conviver no uso linguístico contextos de variada idade, mais antigos e mais recentes, conferindo à língua a aparência de dunas de areia, com traços de regularidade, gradiência e variabilidade, tal como declara Bybee (2010).

3 *Corpus* de pesquisa e procedimentos metodológicos

Como já referimos inicialmente, os contextos de uso a partir dos quais levantamos os dados aqui analisados pertencem ao *Corpus* do português (CdP). Neste artigo, trabalhamos a partir de uma subparte denominada Web/Dialetos, que, em 2016, foi adicionada ao CdP. Essa amostra, com cerca de um bilhão de palavras, contém páginas da *web* recolhidas entre os anos de 2013 e 2014 de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), permitindo a análise e a comparação das variedades dialetais do português contemporâneo. Utilizamos aqui, em nossa investigação referente ao século XXI, os materiais correspondentes ao PB e PE dessa subparte do *Corpus*.

Na seleção desses dados, inserimos no campo de busca do CdP/ Web Dialetos a expressão *p(a)ra lá de*, observando as variedades europeia e brasileira do português. Do total de ocorrências encontradas na busca (3.280), selecionamos uma amostra, considerando as 400 primeiras apresentadas na interface do *Corpus* (200 do PE e 200 do PB).

Nessa seleção, identificamos e classificamos os contextos que instanciam [[para lá de] [X]] no português do século XXI, com foco na detecção da rede construcional pesquisada. No universo investigativo do século XXI, nossa análise é de cunho mais qualitativo, levando em conta ainda a produtividade dos padrões levantados, além de outras propriedades e fatores.

Nas palavras de Traugott e Trousdale (2013):

Nós consideramos as abordagens qualitativa e quantitativa como sendo complementares para o trabalho na linguística histórica e prevemos a possibilidade de unir as duas abordagens em estudos de mudança linguística em curso, em que a análise da microvariação no nível individual dos falantes poderia ser combinada com a análise quantitativa da macrovariação no nível do grupo social.

Tais estudos quantitativos permitem, em uma abordagem mais refinada, estabelecer a relação entre frequência e entrenchamento e o grau de abstração no qual os grupos de falantes parecem organizar aspectos de seu conhecimento linguístico. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 238, tradução nossa)¹⁷

Para a LFCU, ao lado da análise de contextos específicos e de sua motivação para determinadas instâncias de uso, devemos levar em conta parâmetros de frequência, atinentes à produtividade com que *types* e *tokens* são recrutados pela comunidade linguística. A adoção de uma metodologia que busca conciliar uma análise interpretativa dos dados e um tratamento quantitativo dos resultados, utilizando assim, o chamado *método misto*, é também defendida por Cunha Lacerda (2016), que afirma ser essa opção metodológica adequada para fornecer evidências empíricas sobre a ocorrência de processos de construcionalização.

No que concerne à pesquisa qualitativa, analisamos nossos dados a partir dos pressupostos da abordagem construcional da gramática, das propriedades e dimensões da construção, das mudanças construcionais como neanálises ao nível da forma e do conteúdo, dos processos cognitivos de domínio geral, das estratégias de (inter)subjetivação e da escalaridade contextual implicada nesses usos. Enfim, conjugamos o olhar em instâncias específicas e índices de frequência, com vistas, por fim, a estabelecer a rede construcional da [[para lá de] [X]].

4 Contextos de instanciação inicial de [[para lá de] [X]]

Nesta seção, nos dedicamos a um subesquema específico da rede construcional [[para lá de] [X]], no qual o *slot* X é preenchido por elemento circunstancial – de espaço ou de tempo, correspondente aos fragmentos (1) e (2), ilustrados na primeira seção deste artigo. Consideramos tratar-se de um pareamento mais lexical e mais composicional, uma vez

¹⁷ Cf.: “We consider the qualitative and quantitative approaches to be complementary for work in historical linguistics and envisage the possibility of bringing the two approaches together in studies of ongoing language change, where analysis of micro-variation at the level of individual speakers could be combined with quantitative analysis of macro-variation at the level of the social group. Such quantitative studies allow for a more fine-grained approach to the relationship between frequency and entrenchment, and the degree of abstraction at which groups of speakers appear to organize aspects of their linguistic knowledge”.

que as subpartes que o integram se encontram preservadas, em termos semântico-sintáticos, cumprindo função adjuntiva adverbial. Conforme Oliveira e Paula (2019) e Paula (2021), instâncias desse padrão são captadas inicialmente no século XIX, o que atesta sua anterioridade na língua em relação aos demais subesquemas da rede pesquisada.

As autoras, por esse motivo, classificam tais ambientes de ocorrência como contextos que fornecem a base a partir da qual, posteriormente, via mudanças construcionais, derivam os demais subesquemas da rede [[para lá de] [X]]. Assim, por exemplo, Paula (2021, p. 84; 87) capta os seguintes dados no século XIX:

(7) *Ao cabo do outro dia houve longa e animada conversação entre o cavaleiro e o filho da casa, Paio Guterres, moço de prol e grande escolar, isto é, grande estudante a quem todos queriam muito por ali. E dessa conversação veio a sair que a mulher do palheiro foi transportada para uma casinha mui linda que ficava na encosta do outeiro, muito **para lá da igreja**, ao pé dos sicômoros e quase à beira do regato. A casa era do filho, que lhe tinha dado o pai, para ele ali fazer sua estudaria e ter seus livros, por onde lhe chamavam a Estudaria da Granja. (CdP: Arco de Sanct'Anna, de Almeida Garrett, Séc. XIX)*

(8) *Quem do tempo/ Sofrer quisera ultrajes e castigos, / Injúrias da opressão, baldões do orgulho, / Do mal prezado amor choradas mágoas, / Das leis a inércia, dos mandões a afronta, / E o vão desdém que de rasteiras almas/ O paciente mérito recebe, / Quem, se na ponta da despida lâmina/ Lhe acenara o descanso? Quem ao peso / De uma vida de enfados e misérias/ Quereria gemer, se não sentira / Terror de alguma não sabida cousa. / Que aguarda o homem **para lá da morte**, / Esse eterno país misterioso / Donde um viajor sequer há regressado? / Este só pensamento enleia o homem; / Este nos leva a suportar as dores. (CdP: Ocidentais, de Machado de Assis, Séc. XIX)*

Em (7) e (8), temos a instanciação das microconstruções [para lá da igreja] e [para lá da morte], em que o *slot* X é preenchido por elementos locativos de semântica distinta: um mais físico e concreto (*a igreja*) e outro mais virtual e temporal (*a morte*). Nesses dois fragmentos,

extraídos de peças literárias do PE e do PB, respectivamente, articulam-se sentidos menos subjetivos, ou, nos termos de Tantucci (2018), de imediata intersubjetividade, no convite explícito à partilha da noção do afastamento espacial / temporal que é articulada. Em (7), tal afastamento é incrementado ainda mais pela anteposição do intensificador *muito*, que concorre na marcação da distância da casa para onde a mulher do palheiro fora transportada; essa anteposição de *muito* evidencia também a composicionalidade maior e a preservação da natureza lexical da microconstrução [para lá da igreja]. Nesse sentido, contextos como os ilustrados em (7) e (8) são tomados como fonte, como ponto original a partir do qual se iniciam mudanças construcionais rumo a novas construcionalizações.

No século XX, Paula (2021, p. 87) detecta o contexto tomado como atípico, nos termos de Diewald e Smirnova (2012) e de Rosa (2019), no qual o *slot X* da [[para lá de] [X]] é preenchido por elemento de sentido temporal:

(9) *A construção de pavilhões duradouros, capazes de albergarem as exposições que integram os diversos subtemas, junta-se a criação de estruturas de apoio aos 8 milhões de visitantes previstos e de edifícios de acolhimento às representações nacionais. A Exposição de Lisboa, cuja divulgação esteve presente em vários pontos do distrito de Leiria, pretende atrair a comunidade internacional para um projecto de reflexão comum sobre os oceanos, permitindo que este grande acontecimento possa materializar-se na memória e na vida da cidade, do país e da comunidade internacional, para lá de 1998. A EXPO' 98 será um momento privilegiado para a percepção clara dos grandes problemas levantados pela gestão dos oceanos na alvorada do século XXI, no qual se assistirá à ocupação tridimensional dos Oceanos, como última fronteira do planeta.* (CdP: *Os Oceanos e a EXPO'98: Dois patrimónios*, Notícia, 16-01-1998)

Como podemos observar, todo o fragmento (9) é marcado pela atribuição positiva e grandiosa à Exposição de Lisboa, por seu impacto na cidade, no país e no mundo. Assim, a microconstrução [para lá de 1998] concorre para incrementar essa articulação de positividade geral que marca toda a sequência. O recrutamento de elemento temporal (1998) para ocupar a posição X é motivado com base na escala de derivação metafórica *espaço > tempo > texto* (TRAUGOTT; HEINE, 1991). Conforme a teoria localista, de acordo com Batoréo (2000), o

espaço é o ponto de partida para o desenvolvimento de sentidos mais abstratos, como os temporais e os textuais, portanto, se um *slot* de determinada construção inicialmente é preenchido por elemento de semântica espacial, então esse preenchimento poderá ocorrer também por intermédio de elemento temporal, uma vez que constituem pontos da mesma escala de derivação de sentidos. A classificação de contextos como (9) em atípicos leva em conta que, em ambientes como esse, há inferências que permitem a leitura do afastamento do espaço como afastamento do tempo, num tipo de mudança pré-construcionalização, em referência à convencionalização subsequente de outros subesquemas da rede construcional [[para lá de] [X]].

Também no século XX é detectado por Paula (2021, p. 91) o contexto tomado como crítico, em que o *slot* X é preenchido por elemento de semântica quantificadora:

- (10) [...] Sofia enganara todos, paria feito uma gata, não gemia nem miava, com a exceção dos gêmeos mas, também, cuspir os dois custaria até às pretas, estas sim, de ancas boas. Lembrou-se então do sogro lhe propondo casamento: - Desencantando Sofia, tu ganhas uma fazenda com **pra lá de cem alqueires**, além de gado leiteiro e oito escravos dos bons, oferta de qualidade. Escolhi-te para genro por seres homem direito. Toda Batéia confirma teu gosto de lida brava, teu tento em trabalhar. Aceita. Minha filha sai ganhando, é menina sem encantos, com risco de solteirice. Mas tu lucrarás também, as terras são excelentes, das melhores do lugar. (CdP: *Onde Andará Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu, Séc. XX)

A classificação do contexto de instanciação do *type* [pra lá de cem alqueires] como crítico deve-se à opacidade múltipla aí verificada. Esse uso ocorre num trecho enumerativo, em que o pai de Sofia elenca ao futuro genro as vantagens a partir do casamento com sua filha. O recrutamento de *cem alqueires* no slot X se faz via *mismatch*, uma vez que, em (10), [pra lá de cem alqueires] já não está diretamente vinculado a um verbo, indicando uma circunstância (espacial ou temporal) como nos estágios anteriores ilustrados nesta seção. Como destaca Paula (2021), o escopo desse *type* reside numa determinada medida agrária (*cem alqueires*), que passa a assumir, na construção, sentido de grande e inespecífica quantidade. Assim, trata-se de contexto em que se destacam

sentidos mais intersubjetivos face àqueles emanados dos contextos fonte e atípico, ou seja, a intersubjetividade não é tão imediata. Ainda conforme a autora, “uma entidade que seria quantificada de forma definida, *cem alqueires*, é escalonada para mais ao instanciar o *slot X* da construção” (PAULA, 2021, p. 91).

Nessa linha de interpretação, consideramos que o conteúdo quantitativo é responsável para expansão *host-class* dos padrões iniciais da [[para lá de] [X]], uma vez que se cria um novo subesquema nessa rede, responsável pela expressão de quantidade. De acordo com Silva (2008), contextos de uso linguístico tendem a transferir conceitos básicos de quantidade, fundamentados na experiência com o mundo concreto, para a esfera mais abstrata da intensificação, observada em diferentes línguas, gerando novos pareamentos convencionais de forma e conteúdo no *constructicon*. Tal tendência é evidenciada pela “imensa variedade de línguas em que, para se exprimir o conceito intensivo, recorre-se exatamente ao mesmo termo utilizado para designar noções quantitativas, tais como *muito, bastante, mais* ou *demais*” (SILVA, 2008, p. 196). Como podemos observar, além do localismo, já referido nesta seção, há outras escalas de derivação metafórica, que, como mudanças construcionais, impactam a representação e a convencionalização linguísticas.

Essa tendência de mudança se efetiva de modo mais cabal no quarto estágio contextual do esquema [[para lá de] [X]] no século XX, em que o *slot X* é preenchido por termo adjetivo, em contexto isolado. Usos desse tipo atuam na articulação de conteúdo intensificador de grau, como no fragmento a seguir, extraído de Paula (2021, p. 93):

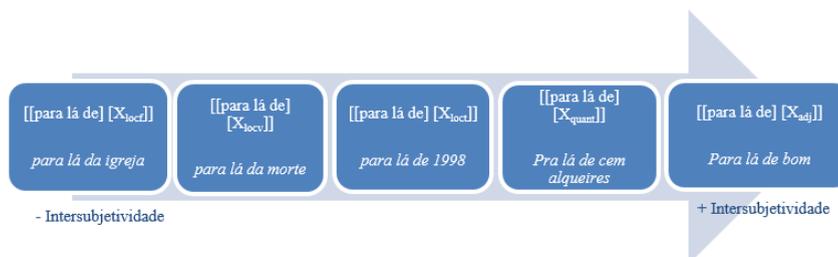
- (11) *Lançou o seu Tradecash, cartão de crédito com limites de R\$ 50 para quem não tem conta em banco e de R\$ 200 para quem tem. Já fechou até acordo com as Lojas Americanas, primeira a aceitar o Tradecash. Luís Guilherme Prates, diretor da Fininvest, justifica: -O nível de inadimplência na classe baixa é o menor. Porque o pobre depende do crédito para comprar tudo. De eletrodoméstico a uma peça de roupa. E sabe que precisa pagar em dia para ter crédito. O lucro é **para lá de bom**. Porque o empréstimo é de pobre, mas a taxa de juros, de rico: acima de 12% ao mês! Isso com uma inflação mensal que não chega a 1%. (CdP: Marceu Vieira, interino, Séc. XX)*

Constatamos que em (11) são elencadas as vantagens do cartão de crédito Tradecash, voltado para parcela de menor poder aquisitivo

do Brasil. Entre as vantagens aludidas, está a de que *o lucro é para lá de bom*, num tipo de articulação intensificadora que enfatiza os ganhos para os usuários. Trata-se da instanciação de um subesquema de [[para lá de] [X]] em que as subpartes se encontram mais vinculadas, em termos semântico-sintáticos, num pareamento menos composicional e de conteúdo mais procedural, uma vez que é mais intersubjetivo e abstrato. Contextos como o ilustrado em (11) demonstram que o recrutamento da construção [[para lá de] [X]] intensificadora concorre para o aumento da expressividade da intensificação do conceito escopado, como convite ao interlocutor a assumir um posicionamento diante do que se diz. Assim, [[para lá de] [X]] passa de usos de imediata intersubjetividade, nos termos de Tantucci (2018), como em (7), (8) e (9), indicando afastamento em relação a marcos espaciais e temporais e convidando o interlocutor a partilhar a perspectiva assumida, chega a usos quantificadores, como em (10), e atinge usos mais abstratos, em que a construção é recrutada para expressão de grau intensivo, como em (11), na defesa de pontos de vista, no nível da intersubjetividade estendida.

Consideramos que contextos isolados, como em (11), somente detectado no século XX no PB, ilustram a instanciação de um novo pareamento na rede [[para lá de] [X]], em estágio mais avançado de mudança face, respectivamente, aos fragmentos de (7) a (10). Trata-se, em (11), de uma construcionalização, nos termos de Traugott e Trousdale (2003). Tal gradiência contextual corresponde à gradiência na escala de intersubjetividade também, dado que mudanças construcionais vão, progressivamente, concorrendo para maior jogo inferencial entre os interlocutores. Assim, conforme demonstramos no esquema a seguir, progressivamente, na trajetória de mudança linguística pesquisada, há aumento da expressão subjetiva dos locutores em contextos comunicativos nos quais se faz relevante o compartilhamento de perspectiva e ideias:

Esquema 1 – *Continuum* de intersubjetivação nos usos de [[para lá de] [X]]



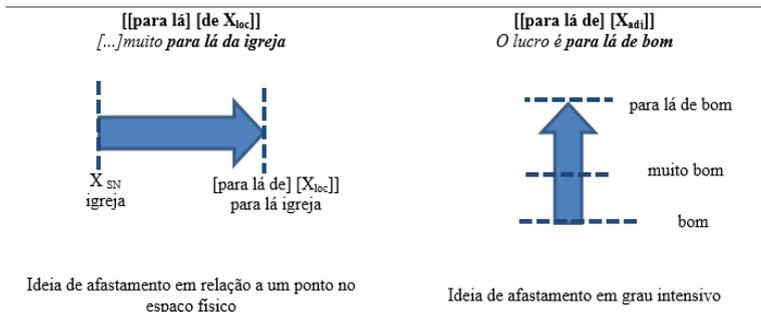
Fonte: Paula (2021, p. 97)

A disposição dos estágios, tal como apresentada no Esquema 1, evidencia aumento crescente de intersubjetividade. Para Traugott e Dasher (2002) e Traugott e Trousdale (2013), estamos diante de um caminho do menos subjetivo, via preenchimento de X por elementos de circunstanciação locativa, para usos mais subjetivos, com o preenchimento do *slot* por elementos temporais e quantificadores, chegando a usos intersubjetivos, quando do recrutamento de adjetivo em X, como estrutura intensificadora de grau.

De acordo com Tantucci (2018), por outro lado, o Esquema 1 representa escala de intersubjetividade, que vai de um caminho imediatamente intersubjetivo, a partir de atenção conjunta fundada em premissas mais objetivas (condições discursivas, localização dos interlocutores, tempo da interação, entre outras) até chegar, quando o preenchimento de X se faz com base em elemento adjetivo, à codificação da intersubjetividade estendida, por conta do nível de abstração e genericidade efetivada, a partir da inferência de um interlocutor em terceira pessoa, como ator inespecífico.

Seja de uma ou de outra perspectiva interpretativa, o que se constata, em ambas as abordagens, é a crescente intersubjetividade, em que jogos inferenciais, convites ao compartilhamento de pontos de vista e valores, entre outros, concorrem para neonanálises, em termos metonímicos, metafóricos e analógicos, que, sob forma de mudanças pré-construcionalização, concorrem para a convencionalização de novas construções na língua. A crescente intersubjetividade decorrente das neonanálises referidas pode ser assim codificada, com base nos fragmentos (7) e (11):

Esquema 2 – [[para lá de] [X_{loc}]] e [[para lá de] [X_{adj}]]: Relações circunstanciais e relações graduadoras



Fonte: Paula (2021, p. 98)

O Esquema 2 demonstra que a ancoragem locativa do uso de [[para de] [X_{adj}]] convencionaliza um pareamento de conteúdo intensificador de grau. Assim, a conceptualização de grau da construção em análise dá-se a partir de usos relacionados a experiências concretas dos falantes, atinentes à localização. A emergência do novo sentido é forjada por extensão metafórica e por conta dos novos arranjos metonímicos verificados por meio dos elementos morfossintáticos distintos que se unem à parte fixa da construção. Dessa forma, [[para lá de] [X]], além de atuar no estabelecimento de relações circunstanciais horizontais com o traço semântico de afastamento em relação a marcos no espaço/tempo, como em muito *para lá da igreja*, passa a atuar também na graduação de conceitos abstratos, indicando afastamento em grau intensivo, isto é, colocando um dado conceito num nível superior ao da sua acepção básica. Tendo em vista o subprincípio icônico da quantidade (GIVÓN, 2001), segundo o qual conteúdos de maior proeminência são expressos por mais formas, entendemos que, em [[para lá de] [X]], uma forma mais pesada e complexa do que itens canônicos como *muito* e *demais*, o conteúdo intensivo em grau máximo é articulado via relevo da forma também. Consideramos que se trata de uma interessante estratégia expressiva, que implica, como afirma Martelotta (2011, p. 81), “levarmos em conta mecanismos de ordem metonímica, aqui entendidos como processos de natureza discursiva: mecanismos que ativam implicaturas associadas ao material linguístico existente em um determinado contexto sintagmático.” Nesse sentido, a natureza morfossintática do elemento que preenche o *slot* X é fundamental para a tipificação do subesquema acionado pela rede construcional [[para lá de] [X]].

5 A rede construcional [[para lá de] [X]] no português do século XXI

Nesta seção, voltamos nosso foco de investigação para os contextos de uso que instanciam a rede [[para lá de] [X]] no século XXI, na demonstração de como tais ocorrências concorrem para a gradiência do PB e do PE contemporâneos. Observamos que o *cline* contextual, que tem início efetivo no século XX, com o levantamento da expressão circunstancial de tempo em contexto atípico, como ilustrado em (9), é mantido no século atual e, mais ainda, ampliado, via analogização, por expansão *host-class*. Tal ampliação motiva a convencionalização de novos subesquemas e microconstruções, em que, nos dias atuais, se distribui a rede construcional [[para lá de] [X]].

Conforme mencionamos na segunda seção, no século XXI, nosso *corpus está* constituído por amostragem, com a pesquisa de 400 contextos de instanciação de [[para lá de] [X]]. Esses usos, de idades distintas na língua, configuram a gradiência linguística sincrônica, nos termos de Bybee (2010). Com base no incremento de produtividade do arranjo *para lá de*, decorrente da expansão da classe hospedeira do elemento que ocupa o *slot* X, assumimos que [[para lá de] [X]] forma um esquema complexo e de produtividade relativa na língua. Defendemos que esse esquema se distribui em quatro subesquemas maiores, que, por sua vez, são constituídos por subesquemas mais específicos e, a partir daí, se especificam em microconstruções.

Um dos resultados mais salientes, na comparabilidade dos dados dos séculos XX e XXI, é que a produtividade da construção de grau intensificador [[para lá de] [X_{adj.}]] aumenta de modo significativo. Enquanto, na sincronia anterior, período em que foi construcionalizado esse subesquema, registramos 14 dessas ocorrências, o que perfaz 8.02% dos dados do *corpus*, no século XXI, a frequência *token* registrada corresponde a 181 ocorrências, isto é, 45.25% dos casos analisados. Tal incremento de uso sugere a regularização desse padrão construcional para expressão de intensificação na língua¹⁸, com evidência do *chunk* ocorrido nesse pareamento.

Ainda em termos quantitativos, observamos uma tendência de uso interessante, que reforça a leitura de perda de composicionalidade e formação de *chunk* na instanciação de [[para lá de] [X_{adj.}]] em função de grau intensivo (gi). Verificamos que a construção intensificadora é mais frequente com o primeiro elemento na forma erodida (*pra*). Se considerarmos em separado as ocorrências com as formas *para* e *pra*, constatamos um percentual de instanciações da construção de grau intensivo de 83,42% com a forma erodida. Por sua vez, a configuração [[para lá de] [X_{adj.}]_{gi}] tem um índice de 16,57% de produtividade. Essa constatação é bastante relevante, pois o fato de a forma erodida ser mais frequente no uso intensificador demonstra que, em função intensificadora,

¹⁸ Ressalvamos que a natureza das fontes que compõem o acervo de dados sincrônicos analisados (provenientes de páginas de *internet*) pode ter, de certo modo, impactado esse resultado, uma vez que materiais de blogs, notícias eletrônicas, dentre outros, com características discursivo-pragmáticas específicas, podem favorecer o recrutamento da construção em análise.

estamos diante de um arranjo mais integrado em termos de sentido e forma, com reduzida composicionalidade.

Em relação às variedades europeia e brasileira do português, registramos, diferentemente do constatado no século XX, instanciações de [[para lá de] [X_{adj}]]_{gi} no PE. Nossa pesquisa em viés histórico (cf. OLIVIERA, PAULA, 2019; PAULA, 2021) tem demonstrado que a construção em foco emerge inicialmente no PB no século XX e, no século XXI, é também registrada no PE com produtividade significativa, ainda que inferior à do PB. Na Tabela 1, apresentamos o quantitativo de ocorrências [[para lá de] [X_{adj}]]_{gi} distinguindo dados do PB e do PE bem como o uso das formas *para* e *pra*:

Tabela 1 – Ocorrências de [[para lá de] [X_{adj}]]_{gi} no século XXI no PB e no PE

Variedades do Português Configuração construcional	PB	PE	TOTAL
[[para lá de] [X]] _{gi}	27	3	30 (16.57%)
[[pra lá de] [X]] _{gi}	86	65	15 (83.42%)
Subtotal	113 (62.43%)	68 (37.56%)	181 (100%)

Fonte: Paula (2021, p. 108-109)

As instanciações de [[para lá de] [X_{adj}]]_{gi} no século XXI são preponderantemente as que exibem maior grau de intersubjetividade estendida face aos usos mais circunstanciadores iniciais, revelando posicionamento discursivo de avaliação dos locutores. As sequências textuais mais recorrentes levantadas em nossos dados são as de cunho expositivo-argumentativa, em gêneros como blogues, colunas e artigos de revistas e jornais eletrônicos e comentários dos leitores sobre notícias *online*, como ilustram os fragmentos a seguir, respectivamente do PE e do PB:

(12) *Emigrar? Como? Já vos disse várias vezes que não imagino o meu futuro por terras Portuguesas, pelo menos não para já. Claro que nunca digo nunca, pode aparecer uma oportunidade **pra lá de espectacular** e ficar por cá mesmo, mas nos dias que correm, sinto que não evoluo grande coisa ficando por cá. Por isso mesmo sempre pesquisei bastante na net empregos no estrangeiro, tenho várias paginas de facebook*

dedicadas a isso mesmo que costumo visitar, mas mesmo assim parece-me muito vago.... (CdP/Web Dialeto, Portugal, <http://blogprettyinpink.blogspot.com/2013/01/emigrar-como.html>)

- (13) *A ANDRESSA que é uma chata e distorceu tudo o que o Marcos Oliver falou. Sem contar que a voz dela é pra lá de irritante.* 20/7/2013 - 06h44 (CdP/Web Dialeto, Brasil, <http://afazenda.r7.com/a-fazenda-6/mural/na-discussao-entre-andressa-e-marcos-quem-pegou-mais-pesado-de-a-sua-opinio.html>)

Nesses fragmentos contextuais, as instanciações de [[para lá de] [X_{adj}]]_{gi} concorrem, de forma coesa, para a intensificação de grau de conceitos abstratos, como *espectacular*, em (12), e *irritante*, em (13). Com esse tipo de estruturação, o locutor convida o interlocutor a partilhar o distanciamento inespecífico articulado pela primeira subparte, [para lá de], em termos do sentido atributivo expresso pelo adjetivo em X. Assim, a intersubjetividade se estende para além dos limites estritos da interlocução, dado que a negociação se faz em termos da avaliação do nível de qualificação atribuído aos referentes *uma oportunidade*, em (12), e *a voz dela*, em (13). Consideramos que esse tipo de alternativa de expressão de grau intensificador, diante de outras possibilidades mais convencionais da gramática do português, como a anteposição dos elementos *muito* ou *bastante*, por exemplo, tem a ver com o pressuposto de base funcionalista de Martelotta (2011, p. 112), segundo o qual “a tendência é o falante buscar formas de comunicação novas e extravagantes que, chamando a atenção do ouvinte, dão mais poder expressivo ao discurso”.

A força coerciva do subesquema [[para lá de] [X_{adj}]]_{gi} no século XXI é tal que, via analogização, outros elementos não adjetivos são instanciados no século XXI nessa construção, produzindo, via *mismatch*, efeitos intensificadores que ratificam a produtividade desse esquema. Estamos nos referindo a contextos como os seguintes:

- (14) *Volta e meia sai do ar, e agora com as novas mudanças, o lojista que quiser vender mais de um produto no carrinho de compras, que se vire calcular um frete decente para ele e para o consumidor. Fica aqui minha indignação, penso que toda ação, tem uma reação, e justamente por isso temos que*

*pensar no que fazemos. Essa alteração que vocês fizeram, foi **pra lá de mal planejada**, em vários sentidos. Como disse acima, muito, muitos nem sabem até hoje, e os que sabem, muito, muitos ainda não resolveram seu problema, pois os orçamentos para desenvolver tal solução são caros para o seu retorno no negócio.* (CdP/Web Dialectos, Brasil, <http://blog.correios.com.br/comercioeletronico/?p=150>)

(15) *Quinta-feira, 12 de outubro de 2006 - Dia 07/12/2006: Embarque para Madrid. 08/12: Chegada a Madrid. Pega-se o carro e vamos a Vinhais. Em Vinhais, nos espera um apartamento cedido **pra lá de gentilmente** pelo Isaías, amigo dono do Restaurante Rossio (e quase primo, claro, claro). De 08 a 22/12: assassinar as saudades. Visitar todo mundo.* (CdP/Web Dialectos, Portugal, http://santospassos.blogspot.com/2006_10_01_archive.html)

(16) *Que todo centro de cidade é cheio, é caótico, é um inferninho à parte, todo mundo sabe. Agora, o fato de que seja tudo isso não quer dizer que não possam haver óasis perdidos no meio disso tudo. O Dill & Drinks consegue ser “só” isso. Só isso não. Tudo isso. Localizado em uma rua ali no burburinho financeiro da capital porteña, o Dill passa despercebido. Isso porque é pequenino e quem vê de longe não acha que é um bistrô **pra lá de delícia**. Com uma proposta bem aconchegante e íntima, parece que todo mundo ali é amigo de algum bartender / atendente da casa.* (CdP/Web Dialectos, Brasil <http://www.destemperados.com.br/regiao/argentina/dill-drinks-um-lugar-para-chamar-de-seu>)

Os fragmentos de (14) a (16) ilustram instâncias de uso intensificadores de [[para lá de] [X]] por intermédio de alterações formais nesse subesquema. Em termos construcionais, de acordo com a LFCU, interpretamos tais usos do século XXI do português como consequentes de mudanças pós-construcionalização, conforme Traugott e Trousdale (2013), em que, via expansão *host-class* (cf. HIMMELMANN, 2004), por efeito de processos de analogização (cf. BYBEE, 2010), amplia-se o subesquema inicial [[para lá de] [X_{adj}]_{gi}]. Assim, na microconstrução

[pra lá de mal planejada], em (14), temos a anteposição do elemento *mal* ao adjetivo *planejada*, o que torna o pareamento mais complexo e distinto dos usos mais prototípicos desse subesquema, assumindo aí função predicativa. Em (15), o *type* [prá lá de gentilmente], em papel de circunstanciador de modo, preenche o slot X por intermédio de *gentilmente*, num tipo de formação híbrida, que mescla modificação e adverbialização. Já em (16), para o slot X é recrutado o substantivo abstrato *delícia*, usado no contexto em função atributiva para qualificar o sintagma nominal *bistrô*. No exemplo em questão, *delícia* faz referência à sensação prazerosa causada pelo ambiente do estabelecimento. Assim, a microconstrução [pra lá de delícia] intensifica e valora os atributos do bistrô *Dill & Drinks*, que, na sequência, é descrito como tendo uma *proposta bem aconchegante e íntima*.

Além dos contextos correspondentes à permanência dos estágios de transição na trajetória da construcionalização investigada, no século XXI, duas outras distintas instâncias de uso de [[para lá de] [X]] são detectadas em nossos dados, concorrendo para a gradiência sincrônica do português e formando mais dois subesquemas nessa rede. O primeira diz respeito ao que Venâncio (2015) denomina *usos lexicalizados* de [[para lá de] [X]]¹⁹. Trata-se de ocorrências como as seguintes:

- (17) *Tocava techno, como se fosse a Love Story. Edinilton aproximou-se de Overman e disse: “ Depois vamos na Love Story? “ -Vá se foder, Edinilton, você está com bafo de vômito. - Opa, foi mal. Uma boate lotada, cheia de luzes, um monte de caras usando roupões brancos vagabundos, esperando algum milagre. E como sempre acontece, quando chega em uma boate de putas, a mais feia vem falar com a gente. Edinilton estava justamente temendo isto. Como ele já estava pra lá de Teerã, como diria o Caetano Veloso. (CdP/Web Dialetos, Portugal, <http://thebraganza.blogspot.com/2013/05/romance-da-praca-roosevelt.html>)*

¹⁹ Embora a denominação *usos lexicalizados* possa conduzir a uma interpretação menos composicional de [[para lá de] [X]], estamos mantendo a codificação do referido esquema a partir das duas subpartes, conforme a rede construcional aqui assumida.

- (18) *Lula é um idiota consumado que se crê muito inteligente e esperto, no que é apoiado pelo grupo permanente de áulicos; uns, por puro e simples interesse, outros, por patética ideológica crônica. A maior saia justa porém é a revelação que a Polícia Federal do seu governo colaborava com o FBI na caça a supostos terroristas islâmicos no território brasileiro, enquanto Celso Amorim e Marco Aurélio Garcia continuam sua pose de “anti-americanos” doidões, pra lá de Marrakesh.* (CdP/ WebDialectos, Brasil, <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/telegramas-revelados-pela-wikileaks-tornamdiplocia-brasileira-um-pouco-mais-ridicula-do-que-ja-era/>)

Os contextos ilustrados em (17) e (18), relativos a dados de uso do PE e do PB, respectivamente, exemplificam instâncias da [[para lá de] [X]] que, a princípio, se assemelham aos contextos fonte detectados no século XIX, nos quais o *slot* X é preenchido por elemento espacial, como em [para lá do Aniene], em (1), e [para lá da igreja], em (7). Porém, ocorre que, ao recrutar para o referido preenchimento um nome próprio concernente a um espaço exótico e longínquo, em sequências textuais de natureza dissertativa, marcadas por forte tom opinativo e via de regra desqualificador, o tipo de conteúdo articulado não é aquele referente à circunstanciação locativa, mas sim a sentido voltado para o incremento do tom crítico e depreciativo que perpassa esses contextos de uso.

Em (17), *pra lá de Teerã* marca o estado de embriaguez de Edinilton, que, coesivamente, se articula ao ambiente inóspito geral - *Uma boate lotada, cheia de luzes, um monte de caras usando roupões brancos vagabundos, esperando algum milagre / quando chega em uma boate de putas, a mais feia vem falar com a gente.* No fragmento (18), *pra lá de Marrakesh* surge no texto de um articulista, que, indignado com o governo federal de então, usa tal expressão em referência depreciativa a duas autoridades do país.

Em nosso *corpus*, contextos como ilustrados em (17) e (18) são pouco frequentes, constituindo-se em usos periféricos que correspondem a oito ocorrências (2% dos 400 dados em análise). Seis desses oitos registros identificados são da variedade europeia do português. Assumimos que a construção [[para lá de] [X]] de qualificação intensiva (qi), como instanciada em (17) e (18), origina-se de instanciações da construção circunstancial locativa em contexto fonte, que emerge na

língua no século XIX. Posteriormente, devido à clássica distinção entre Ocidente e Oriente, padrões de uso com nomes de conhecidas cidades árabes tenham se convencionalizado, via analogização, com o padrão da construção [[para lá de] [X_{adj}]]_{qi}, com ocorrência de um *mismatch*, de uma incongruência relacionada ao comportamento padrão de um elemento e seu uso numa outra construção. Assim, microconstruções como [pra lá de Bagdá], [pra lá de Marrakesh] e, menos frequentemente, [pra lá de Bangladesh] e [pra lá de Teerã], pela junção de herança múltipla (distanciamento locativo e grau intensificador) passam a designar uma qualidade em excesso, criando-se, assim, um terceiro subesquema na rede construcional [[para lá de] [X]] no português contemporâneo.

Por fim, levantamos, no século XXI, instâncias de um quarto subesquema dessa rede, cujo papel se volta para a conexão argumentativa, de acordo com Paula (2021). Estamos nos referindo a contextos de uso como (19) e (6), retomado nesta seção:

(19) *Se os erros cometidos no primeiro casamento não forem trabalhados, dando lugar ao amadurecimento, os “vícios” de comunicação repetirão-se- e a esperança será rapidamente substituída pela frustração do “déjà vu”. Os receios desta natureza costumam traduzir- se em namoros mais ou menos escondidos - as pessoas preferem certificar- se de que “ é desta e que não vão voltar a errar. A ideia de passar por um segundo divórcio (ou separação) é aterradora - envolve, **para lá da tristeza e do desapontamento**, a vergonha e a dificuldade em assumir outro fracasso perante a família e os amigos. Se a segunda ruptura envolver a mesma pessoa, estes sentimentos podem ser exacerbados.* (CdP/Web Dialetos, Brasil, <http://www.apsicologa.com/2006/03/casar-duas-vezes-com-mesma-pessoa.html>)

(6) *Na passagem de mais um por estes lados muitas foram as mensagens de apoio e de felicitações e também os presentes. Ofertas sentidas que revelam amizade ou sentimentos mais profundos. Dentre elas constou esta edição especial do concerto comemorativo dos 25 anos de Xutos & Pontapés “on the road”, no Pavilhão Atlântico. **Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira**, tem, para mim, um sabor especial por conter temas dos primórdios da sua carreira. Temos*

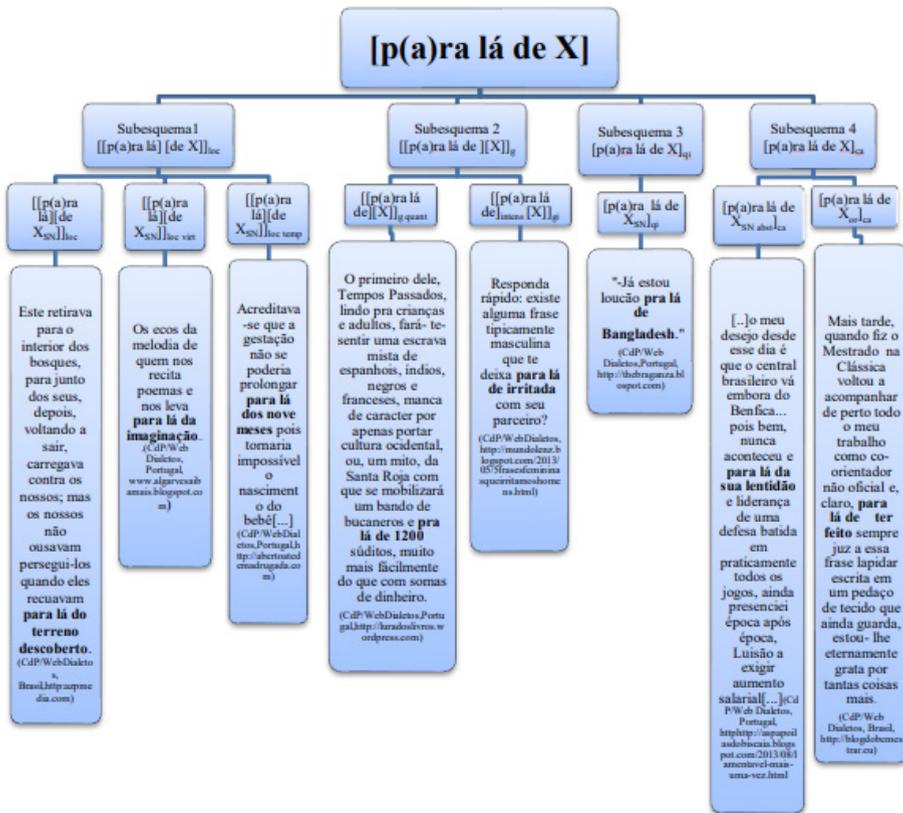
que ouvi repetidas vezes durante os anos 80, ou no saudoso “Rock Rendez Vous “ ou em os espetáculos que religiosamente, eu e o “F “ presenciávamos onde quer que houvesse Xutos. (CdP/ Web Dialetos, Portugal, <http://arlindopinto.com/planetadoscatos/tag/aniversario>)

No fragmento (19), tal como verificamos em (6), apresentado na introdução deste artigo, constatamos que os termos destacados atuam em prol da argumentação. Em (19), uma psicóloga orienta seus leitores acerca do risco maior de fracasso num segundo casamento e das possíveis consequências daí advindas. Para tanto, ela instancia o referido *type* na defesa de seu ponto de vista - *A ideia de passar por um segundo divórcio (ou separação) é aterradora*. Após tal declaração, passa a listar, em série enumerativa de nomes abstratos, os riscos e perigos de um segundo casamento fracassado: *para lá da tristeza e do desapontamento, a vergonha e a dificuldade em assumir outro fracasso perante a família e os amigos*. No contexto (6), a articulação textual argumentativa é realizada pelo recrutamento, na subparte X, de uma estrutura oracional reduzida, *ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira*, que se articula ao segundo argumento, *tem, para mim, um sabor especial*, na organização de uma sequência que destaca os aspectos positivos de um evento musical destacado pelo locutor.

A análise interpretativa de contextos como (19) e (6) vai ao encontro do que declaram Oliveira e Paula (2021, p. 107), ao assumirem que se trata de uma organização discursiva que “confere a tais instâncias de uso um papel de adicionar, gradativamente, argumentos ao que é defendido, estabelecendo-se assim, um tipo de sequenciação hierárquica, que destaca e serializa as justificativas apresentadas na exposição da opinião.” Por tal razão, optamos por nos referir à função desse quarto subesquema como *conexão argumentativa*, codificando-o em dois subtipos: [[para lá de] [X_{na}]]_{ca}, como instanciado em (19), e [[para lá de] [X_{or}]]_{ca}, como instanciado em (6). Entendemos que, além de atuar na conexão de porções textuais, essa subfamília desempenha papel relevante na orientação argumentativa dos enunciados, assinalando pontos de vista de maior grau de importância e concorrendo, assim, para o incremento da atenção conjunta, nos termos de Diessel (2017; 2019), e da intersubjetividade estendida, conforme Tantucci (2018).

Chegamos, a partir do levantamento, da descrição e da análise de nossos dados, ao estabelecimento da rede construcional [[para lá de] [X]] no português do século XXI, a seguir apresentada:

Esquema 3 – Rede construcional [[para lá de] [X]] no português no século XXI



Fonte: Paula (2021, p. 125)

O nível mais alto e virtual da rede é ocupado pelo esquema geral [[para lá de] [X]]. Conforme Paula (2021, p. 126), “esse nível esquemático mais alto da arquitetura construcional está associado a uma característica semântica geral, de base localista, a saber, afastamento/distância em relação a marcos referenciais”. Tal esquema se especifica no nível imediatamente

abaixo, desdobrando-se em quatro subesquemas, com base no tipo de preenchimento do *slot* X, o que vai implicar também distinções funcionais nesses pares. Três dos subesquemas referidos, por sua vez, também apresentam desdobramentos. Observando essas subfamílias da esquerda para a direita, constatamos que a rede construcional [[para lá de] [X]]_{loc} exibe graus crescentes de vinculação semântico-sintática e que padrões mais recentes na língua se revelam menos posicionais e mais esquemáticos, na formação de *chunks* cada vez mais integrados, em que preponderam sentidos procedurais. Na parte inferior do Esquema 3, situam-se exemplos de instâncias de uso das construções específicas, como constructos.

Assim, o primeiro subesquema, codificado como [[para lá de] [X]]_{loc}, atua na circunstanciação adverbial, que se desdobra em três subtipos: a) espaço físico (loct)- [para lá do terreno descoberto; b) espaço virtual (locv) – [para lá da imaginação]; c) tempo (loct)– [para lá dos nove meses]. Assumimos, com base em Oliveira e Paula (2019) e Paula (2021), que esse subesquema, a partir da articulação de espaço virtual e de tempo, via contextos atípicos, no século XIX, é o ponto inicial de mudanças construcionais que conduzem à ampliação da rede, com expansão para outros subesquemas e *types* específicos, detectados inicialmente no século XX e no século XXI.

O segundo subesquema funciona na referenciação de grau, é transcrito como [[para lá de] [X]]_{gr} e se distribui em dois grupos. O primeiro, atinente ao que consideramos como contexto crítico para a construção intensificadora de grau, preenche o *slot* X com elemento quantificador (quant) – [prá lá de 1200 súditos]. O segundo grupo, interpretado como contexto isolado em relação ao subesquema anterior, recruta termo adjetivo, o que faz o sentido de grau intensivo prevalecer (adj) – [pra lá de irritada]. Esse subesquema é menos composicional e mais procedural em relação ao primeiro subesquema, [[para lá de] [X]]_{loc}.

Como terceiro subesquema da rede, temos aquele em que X é preenchido por nome próprio de localidade muito distante ou exótica, o que concorre para a articulação de sentido que remete a uma condição crítica ou extrema do ponto de vista físico, psicológico ou emocional, entre outros. Por cumprir esse papel, tal subesquema recebe a denominação *qualificador intensivo* (qi) e é codificado como [[para lá de] [X]]_{qi}. Constatamos essa função em *types* como [prá lá de Bangladesh], por exemplo; trata-se de um pareamento menos composicional e mais procedural, no qual a soma das partes é distinta da mera adjunção do sentido de cada parte.

Por fim, o quarto subesquema apresenta-se como o de menor composicionalidade e de maior conteúdo gramatical, já que seu papel se volta para a conexão argumentativa (ca), na sequenciação de argumentos para defesa de pontos de vista ou crenças em jogo na interação. Trata-se também do padrão que exibe maior intersubjetividade estendida, uma vez que estabelece um tipo de gradação valorativa ordenadora de argumentos em prol da defesa de uma tese ou opinião. Esse subesquema desdobra-se em dois tipos, a depender do preenchimento de X: a) se um nome abstrato (na), na configuração [[para lá de] [X_{na}]]_{ca}, como no *type* [para lá de sua lentidão e liderança]; b) se uma oração reduzida de infinitivo (or), codificado como [[para lá de] [X_{or}]]_{ca}, em microconstruções como [para lá de ter feito sempre jus a essa frase lapidar escrita em um pedaço de tecido que ainda guarda].

6 Considerações finais

Neste artigo, com o aporte teórico da LFCU, levantamos, descrevemos e analisamos subesquemas e *types* específicos do português contemporâneo (século XXI), em suas variedades brasileira e europeia, licenciados pelo esquema mais alto e virtual [[para lá de] [X]]. Nossos resultados demonstram que, no *constructicon* do português, [[para lá de] [X]] se distribui em diferentes pareamentos de forma e sentido, formando uma rede de construções interconectadas vertical e horizontalmente.

Com base em dados de pesquisa histórica (OLIVEIRA; PAULA, 2019; PAULA, 2021), verificamos que os contextos de uso iniciais de [[para lá de] [X]] são os de indicação circunstancial locativa, identificados no século XIX. No recorte temporal do século XX, já regularizado como padrão linguístico na referência a espaço, num processo de expansão de usos, [[para lá de] [X]] passa a ser recrutado também para indicação circunstancial de tempo, seguindo a escala de derivação metafórica espaço >tempo >texto (TRAUGOTT; HEINE, 1991).

Ainda no século XX, detectamos uma nova instanciação de [[para lá de] [X]] em que o *slot* aberto da construção é preenchido por um elemento quantificador. Nesse novo arranjo construcional, o *mismatch* decorrente do emprego de um termo quantificador em um padrão construcional recrutado para circunstanciação locativa e temporal favorece, via inferências sugeridas, o desenvolvimento da semântica de grau quantitativo (SILVA, 2008).

No PB, também no século XX, é registrado um uso inovador em termos de forma e de conteúdo de [[p(a)ra lá de] [X_{adj}]]_{gi}. Trata-se de instâncias em que, contíguo ao *para lá de*, aparece um adjetivo e a construção forma um *chunk*, um todo de conteúdo e forma, a serviço da expressão de grau intensivo.

Como evidenciam os dados do *cline* contextual apresentados, a natureza do elemento preenchedor do *slot* X da construção é um fator relevante no processo de mudança, uma vez que, a partir do estabelecimento de novas relações metonímicas, são desenvolvidas extensões metafóricas, que, por sua vez, configuram diferentes subesquemas de [[para lá de] [X]]. Esses diferentes subesquemas, analisados à luz do *continuum* de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2002), seguem uma trajetória do menos intersubjetivo para o mais intersubjetivo ou, considerando a proposta de Tantucci (2018), passam de uma intersubjetividade imediata para uma intersubjetividade estendida.

Observando os resultados analíticos referentes ao século XXI, constatamos, conforme demonstram os fragmentos textuais de (1) a (6) na introdução deste artigo, a convivência de um conjunto de construções com diferentes funções no PB e no PE. Tais construções mantêm entre si associações de forma e de conteúdo, via atuação de mecanismos de neoanálise, analogização, metaforização e metonimização, e apresentam idades distintas na língua.

Em outras palavras, constituem-se arranjos que emergem em diferentes períodos e que estão relacionados à permanência de padrões detectados nos contextos de construcionalização da construção de grau intensivo [[para lá de] [X_{adj}]], bem como ao desenvolvimento de novos usos, verificados na sincronia atual, que apontam o que Himmelmann (2004) denomina expansão *host-class*. Esse mais recente processo de expansão, atinente a mudanças pós-construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), dá-se por analogização ao padrão com adjetivo instanciando o *slot* X da construção e resulta na abertura desse espaço construcional esquemático a elementos categoriais diferentes de adjetivo.

Com base no levantamento, na descrição e na análise dos dados do século XXI, formalizamos uma rede construcional em cujo nível mais alto está o esquema [[para lá de] [X]]. A esse esquema estão associados quatro subesquemas a partir dos quais instanciam-se *types* específicos. Assim, subesquemas forjados por meio de processos graduais de mudança linguística, na sincronia atual, configuram subfamílias de um esquema

maior cujas instanciações exibem a gradiência sincrônica postulada por Bybee (2010) e crescentes níveis intersubjetivos.

Desse modo, os dados que aqui apresentamos em uma abordagem qualitativa e quantitativa, com base em usos linguísticos e contemporâneos da língua, desvelam a existência de uma rede construcional formada a partir do esquema [[para lá de] [X]] no PB e no PE. Essa rede apresenta produtividade relativa na língua e demonstra que a gradiência exibida na sincronia atual está associada a contextos de emergência da construção [[para lá de] [X]]^{gi}, bem como a mudanças que ocorrem pós-construcionalização, incrementando a rede de construções da língua.

Declaração de autoria

A autora Mariangela Rios de Oliveira foi responsável pela redação e organização da maior parte do artigo. A autora Vanessa Barbosa de Paula forneceu o material empírico utilizado, fruto de sua recente tese de doutorado (PAULA, 2021), orientada pela primeira autora, bem como redigiu algumas seções do texto, revendo-o como um todo posteriormente.

Agradecimentos

Este artigo é produto de pesquisa subvencionada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por intermédio de bolsa PQ da autora Mariangela Rios de Oliveira, e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), via bolsa *Cientistas do Nosso Estado – Sênior*, da mesma autora; agradecemos a essas instituições o apoio recebido. Nossos agradecimentos vão também aos demais membros do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF, com quem discutimos nossos dados e resultados da pesquisa ao longo de seu desenvolvimento. Por fim, agradecemos também aos dois pareceristas anônimos, que, com sua leitura atenta e crítica, trouxeram valiosas sugestões que aprimoraram a versão final do artigo.

Referências

- BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- BYBEE, J. *Frequency of use and the organization of language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, volume especial, p. 83-101, 2016. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5440>.
- DIESEL, H. Usage-based linguistics. In: ARONOFF, M. (ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2017. p. 1-26.
- DIESEL, H. Grammar as a network. In: DIESEL, H. *The Grammar Network*. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019. p. 9-22.
- DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. et al. (eds). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013. p. 13-40.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (eds.), *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.21-42.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (orgs). *Funcionalismo linguístico: vertentes e diálogos*. Niterói: Editora da UFF, 2017.

OLIVEIRA, M. R.; PAULA, V. B. A construção intensificadora de grau [p(a)ra lá de X_{adj}] – trajetória, paradigmáticação e degeneração. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 238-264, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2019.v21n2a24963>

OLIVEIRA, M. R.; PAULA, V. B. A construção conectora argumentativa [p(a)ra lá de X]: uma análise baseada no uso. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 105-135, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.404>

PAULA, V. B. *A construcionalização de grau intensivo [[p(a)ra lá de] [X]] no português*. 2021. 136 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2021.

ROSA, F. S. L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. DOI: [org/10.1590/1981-5794-1608-1](https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1).

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional: *quo vadis?* In: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUZA, M. M. (orgs). *Pesquisas funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso – uma homenagem à Maria Angélica Furtado da Cunha*. Natal: Edufrn, 2021. p. 384-429.

SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. 2008. 308 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

TANTUCCI, V. From co-actionality to extended intersubjectivity: drawing on language change and ontogenetic development. *Applied Linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018, p. 1-31. DOI:10.1093/applin/amy050.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Vol 1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VENÂNCIO, E. *Instanciações da microconstrução intensificadora “para lá de X” no português contemporâneo*. 2015. 181 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, UFF, 2015.